

PFL escolhe hoje seu candidato à sucessão

A partir das 17h de hoje, com o início da apuração das prévias, começa a desagregação do PFL, o segundo maior Partido do País em termos de bancada. O ex-ministro Aureliano Chaves, apoiado pelo governo, é o provável vencedor, ficando em segundo o senador Marco Maciel (PE) e, em terceiro, a deputada Sandra Cavalcanti (RJ).

O candidato Fernando Collor (PRN) será o principal beneficiado com a derrota de Maciel, mas é possível que o ex-governador Leonel Brizola e o ex-prefeito Jânio Quadros também recebam suas fatias. Afif Domingos, do PL, anuncia que contará com os dissidentes do PFL, porém isto não é provável.

OFENSAS E FRAUDES

Dois fatores impedirão que o PFL, apesar de todas as afirmações em contrário de seus dirigentes, permaneça unido: a troca de ofensas e as acusações de fraudes. O presidente do Partido senador Hugo Napoleão (PI) está tão preocupado com a desagregação, que ainda na sexta-feira, no plenário, convocou os senadores Divaldo Suruagy (AL) e Edison Lobão (MA) para começarem "a costurar" o PFL. "Eu sei que não será fácil, mas não tenho vocação para síndico de massa falida", comentou.

Os partidários de Maciel estão com suspeitas de que haverá fraudes. As principais acusações referem-se à Bahia, Maranhão e Minas Gerais, onde o partido é controlado, respectiva-

mente, pelo ministro Antônio Carlos Magalhães, o deputado Sarney Filho e o ex-ministro Aureliano Chaves, um dos candidatos. O senador Jorge Bornhausen (SC), coordenador de Maciel, já advertiu: "Com fraudes não estaremos obrigados a apoiar o vencedor".

Mais do que as fraudes, o partido será dividido pela troca de ofensas. O deputado Alcení Guerra (PR), macielista, chamou Aureliano Chaves de "vassalo" do Governo. O líder José Lourenço (BA), decisivo para Aureliano, fez críticas pesadas em relação a Sandra Cavalcanti e aos senadores Carlos Chiarelli (RS) e Bornhausen. O próprio Aureliano tem insinuado que o senador Marco Maciel não cumpre com sua palavra.

A desagregação é inevitável. O senador José Agripino, principal líder no Rio Grande do Norte, foi procurado pelo senador Itamar Franco (MG), vice de Collor, e admitiu conversar depois das prévias.

Situação difícil é a de Bornhausen. Seu principal aliado em Santa Catarina, sem o qual perderá as eleições do próximo ano, é o prefeito de Florianópolis, Esperidião Amin (PDS), que se inclina por Brizola, nome que ele, Bornhausen, não aceita sequer discutir. Em termos nacionais apoiar Collor não seria impossível, mas tudo depende das condições locais. Marco Maciel, que chegou a ser apontado como vice de Brizola, não tem condições de se afastar do PFL, caso seja derrotado. O principal líder do PFL em Pernam-

buco, o prefeito Joaquim Francisco, tem mais simpatias por Brizola.

GOVERNO

O que dividiu o PFL foi o presidente José Sarney. Em 1984, Maciel e Bornhausen conseguiram de Aureliano que ele indicasse Sarney para vice de Tancredo Neves. No governo, porém, houve uma inversão. Enquanto Maciel e Bornhausen afastavam-se, no Ministério de Sarney, Aureliano Chaves aumentava seu relacionamento. Bornhausen e Maciel deixaram o Ministério em fins de 1987. Aureliano ficou até dezembro último.

A crise do PFL, que redundou nas prévias pela impossibilidade de união de um candidato, tem seu fundamento na divisão entre governistas, como José Lourenço, Aureliano, Marcondes Gadelha etc., e os independentes — Chiarelli, Bornhausen e outros. É praticamente impossível que se conciliem em torno de um candidato.

O presidente do Partido, Hugo Napoleão, espera que dos 700 mil filiados votem pelo menos 30 por cento, o que considera uma percentagem razoável. Os votos serão computados pelas mesas receptoras e transmitidos os resultados aos Diretórios Regionais, que os comunicará ao Diretório Nacional. Oficialmente o resultado sairá em três dias, mas com a facilidade de comunicações telefônicas já amanhã, pela manhã, se saberá quem é o vencedor. Hoje, à noite, se terá uma idéia muito próxima.